



## **“SAIR DE CASA, ANDAR PELA RUA”: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO DO QUARTEL DO QUARENTA (CAMPINA GRANDE – PB NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970)**

João Bezerra Dantas<sup>1</sup>

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Coelli Gomes Nascimento<sup>2</sup>

*UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE*

[JoaoDantas.historia@gmail.com](mailto:JoaoDantas.historia@gmail.com)

A expansão urbana que ocorreu no Bairro do Quartel do Quarenta na cidade de Campina Grande - Paraíba, nas décadas de 1960 e 1970 trouxe além de modificações estruturais para o entorno do bairro novas vivências e sociabilidades para os que ali procuravam se estabelecer em busca de melhores condições de vida e trabalho. Essa expansão ocorre graças ao desenvolvimento da malha urbana e o aumento da população campinense de forma desordenada. O bairro por ter uma localização privilegiada passa a receber inúmeros trabalhadores, além de se tornar espaço onde as práticas cotidianas, “aquilo que nos é dado cada dia”, ora permanecem, ora são suplantadas por novos usos e costumes. Isto ocorre devido ao desenvolvimento de Campina Grande enquanto urbe moderna que se dá de maneira gradativa. Os moradores buscam no bairro um alento para novas construções familiares e de trabalho. As histórias que se cruzam entre os acontecimentos que ocorreram no espaço público e privado e as memórias dos moradores são de suma importância para entendermos a constituição desse espaço de moradia. Histórias que emocionam, divertem e que trazem à tona momentos importantes nas vidas de pessoas que de forma individual ou coletiva foram importantes para a constituição do bairro enquanto espaço de integração, ao passo que desempenhavam novas funções surgindo e derivando-se do entrecruzamento de experiências cotidianas, capazes de modificarem seu dia a dia através de mudanças e permanências entre seus integrantes. Ao investigarmos o processo de ocupação do bairro, percebemos as influências nas experiências de seus moradores.

**PALAVRAS CHAVE: COTIDIANO, PRÁTICA, MORADORES.**

---

<sup>1</sup> Aluno do 10º período do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – PB. Atualmente é Bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ/CAPs. E-mail: [joaoDantas.historia@gmail.com](mailto:joaoDantas.historia@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: [reginacgn@gmail.com](mailto:reginacgn@gmail.com).



## 1 - INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX e início do século XX, a cidade de Campina Grande - PB passou por consideráveis transformações em sua estrutura urbana em especial a partir das décadas de 1960 e 1970. Neste momento o Bairro do Quartel do Quarenta acompanha o crescimento campinense, influenciado, sobretudo pela modernização nacional através da *Belle Époque*<sup>3</sup> europeia, onde novos hábitos e costumes se integram à sociedade brasileira<sup>4</sup>. É neste período que o bairro se torna uma alternativa habitacional viável para os trabalhadores, que chegavam à Campina Grande<sup>5</sup> sedentos por um lugar para ficar com suas famílias e em busca de melhores condições de vida e trabalho.

Esse espaço passa a chamar atenção, pela localização privilegiada<sup>6</sup> e pelo aparecimento de indústrias que se instalam na cidade e nos arredores do bairro. É ali que segundo Cardoso, ocorre “um adensamento de operários por tipo de indústrias” (1963, p. 07). O bairro com suas casas pequenas, a maioria com três cômodos, um quarto, sala e cozinha, torna-se um espaço acessível para aqueles que chegavam e não tinham condições financeiras de custear despesas de moradia no Centro. Esse processo de ocupação do espaço urbano ocorreu em Campina Grande de forma desordenada. Este artigo busca investigar as transformações urbanas que ocorreram no bairro do Quartel do Quarenta em Campina Grande, a partir da década de 1960, aproximando-se de algumas narrativas sobre cotidiano, práticas alimentares e sociabilidades vivenciadas pelos moradores.

## 2 - A CIDADE CRESCE, O BAIRRO CRESCE.

Nos primeiros anos de ocupação, enquanto Campina Grande não era uma cidade emancipada, as atividades comerciais permaneceram praticamente ‘inertes’<sup>7</sup> expandindo-se

---

<sup>3</sup> *Belle Époque*, expressão francesa para ‘bela época’, foi um período de cultura cosmopolita que ocorreu na Europa e que se iniciou no fim do século XIX (1871) até a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914). Também se caracteriza por transformações culturais e os novos modos de pensar, agir e viver o cotidiano.

<sup>4</sup> O processo de urbanização que se dá em Campina não se diferencia de outras cidades do país. A partir da década de 1950, o Brasil registrou um grande crescimento urbano e industrial na maioria de suas cidades.

<sup>5</sup> Campina possui atualmente uma média de 81 bairros, alguns recentemente criados a partir de novos loteamentos.

<sup>6</sup> Entre os bairros da Liberdade, Cruzeiro, Moita (hoje Bairro de Santa Rosa) e a Casa de Pedra (hoje Bairro do Centenário). E também dos Hospitais: IPASE- Hospital Regional Alcides Carneiro e o Dom. Pedro I. Distante mais ou menos 1,5 quilômetros do Açude Velho e da Estação da Estrada de Ferro Velha, onde nas suas proximidades foram instaladas as indústrias SANBRA, Anderson Clayton e Rique, Centro da cidade.

<sup>7</sup> Segundo Oliveira (2007), nos primeiros anos Campina fora apenas abastecida pela extensiva criação de gado e pelo comércio de cereais.



apenas com o comércio algodoeiro e a chegada dos trilhos do trem<sup>8</sup>. Ocorre então, um crescimento demográfico e econômico, em grande escala, com cada vez mais pessoas da região e de outras localidades, “descobrimo” a ‘Rainha da Borborema’<sup>9</sup> e fazendo da cidade seu novo ‘lar, doce lar’<sup>10</sup>. Estes indivíduos constroem núcleos de habitação (principalmente de pau-a-pique) e transformam casarões, antigos armazéns e prédios abandonados em conglomerados de cortiços com loteamentos irregulares e sem nenhum equipamento urbanístico. O aumento da população e conseqüentemente, da malha urbana, sem o seu devido planejamento acarreta problemas estruturais, como o aparecimento de favelas. Com isso, tem início um processo de embelezamento e sanitização do centro da cidade<sup>11</sup> onde praças, hotéis e confeitarias passam a dar um aspecto de mobilidade urbana ao cartão postal de Campina Grande, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970.

Entretanto, os bairros periféricos, a exemplo do Bairro do Quartel do Quarenta permanecem sem infraestrutura básica, mesmo recebendo mais moradores. Verifica-se que é com o surgimento das associações de bairros que estas entidades passam a exigir do poder público, melhorias em seus direitos básicos de cidadania. Essas SAB’s (como eram conhecidas) e clubes sociais são importantes para o desenvolvimento de atividades culturais e de prestação de serviços para a comunidade integrando seus moradores em momentos diversos, promovendo festejos juninos, quadrilhas, cursos, distribuição de leite, etc. Assim o bairro transforma-se em “... um acontecer fundado em práticas concretas que articulam num lugar, parentela, vizinhança, compadrio sob múltiplas formas de solidariedade e, sobretudo de reciprocidade” (SEABRA, 2003, p. 26). De maneira geral, buscamos problematizar as relações cotidianas que se deram entre os moradores do Bairro do Quartel do Quarenta em Campina Grande, através de mudanças e permanências ocorridas neste espaço de socialização.

---

<sup>8</sup> O trem foi inaugurado em 1907, cujas obras foram iniciadas em 1904, pela empresa inglesa Great Western. A rede ferroviária do Nordeste reunia os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Segundo Cavalcanti (1954), “esta rede resumia-se em três linhas principais (interligadas) e uma estrada isolada”. Em Campina grande, o destaque foi para o Expresso “Asa Branca”.

<sup>9</sup> Localizada na Serra da Borborema, Campina Grande recebeu o título de ‘Rainha da Borborema’ em alusão ao seu primeiro nome ‘Vila Nova da Rainha’.

<sup>10</sup> Expressão popular para definir casa ou assuntos relacionados a ela, como por exemplo, a convivência entre vizinhos e pessoas pertencentes num mesmo espaço.

<sup>11</sup> É sabido que esse processo de embelezamento se dá, sobretudo no governo do prefeito Vergniaud Wanderley, que ocupou o cargo de prefeito de Campina entre os anos de 1935 a 1937, retornando em 1940 e permanecendo no poder até 1945.



### 3 - O SABER FAZER: DISCUSSÕES SOBRE O COTIDIANO E OUTRAS FONTES.

Nossas reflexões teórico-metodológicas estão baseadas nas concepções fornecidas pela Nova História Cultural, principalmente a partir de Michel de Certeau (2011), conhecido historiador francês que nos possibilita dialogar e trabalhar o conceito de cotidiano, atentando para as sutilezas, estratégias, táticas e operações do fazer e do saber. O cotidiano para Certeau

“[...] é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível” [...]. (CERTEAU, 1996, p. 31).

A partir desses conceitos, é possível perceber como em Campina Grande, os sujeitos burlaram códigos, normas e regras e construíram diferentes formas próprias de usarem e inventarem o cotidiano. Para atingir esse objetivo realizamos pesquisas nos arquivos da cidade onde mapeamos a documentação referente à mesma, além da catalogação de fotografias do período supracitado e, por conseguinte entrevistas com moradores locais.

Para entendermos o fazer-viver no Bairro do Quartel do Quarenta utilizamos a memória como uma de nossas fontes historiográficas. SILVA (2000) analisa a importância de se enveredar no estudo de uma história pautada na construção das subjetividades em determinado tempo e espaço que se reorganizou em Campina Grande. A cidade se torna

“um trono de ‘urbs’ cultural título este conquistado pela Rainha da Borborema, na era da revolução dos costumes, deu passagem a uma nova sensibilidade, a novos códigos comportamentais, sobretudo a novos desejos e projetos existenciais”. (SILVA, 2000, p.104).

Além disso, a fotografia fora utilizada como documento histórico<sup>12</sup> nas entrevistas como o elemento disparador de gatilho de memória dos entrevistados, com a finalidade de despertar as lembranças do passado e que estavam guardadas na memória dos moradores. Entendemos que ao longo do tempo a fotografia “foi absorvida por sociedades tradicionais, que a transformaram em instrumento de atualização ‘moderna’ de antigos valores, normas e costumes” (LIMA e CARVALHO, 2009, p.31). O retratar-se, seria uma prática cultural e

---

<sup>12</sup> A fotografia ao longo do século XX se consolidou como acervo importante para a pesquisa historiográfica, sobretudo, após a *Escola de Annáles*, que alargou a utilização das fontes, abrindo assim, novos caminhos para novas interpretações dos fatos.



social que atuaria na regulamentação do viver em sociedade deixando de ser uma ilustração para tornar-se um documento. Daí a importância desta para a pesquisa nos dando um parâmetro interessante de como foram retratados determinados momentos da vida de seus interlocutores, através de festas, casamentos e batizados e registrados nas fotografias de parentes e amigos.

Também a utilização dos testemunhos de história oral que são capazes de “atualizar” as vivências dos indivíduos de determinada comunidade fazendo-os produtores de uma “nova” história, conforme nos apontou Thompson (1992):

A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto conteúdo, como finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 25).

A testemunha apresenta a sua versão dos fatos, numa perspectiva inovadora, frente a frente ao entrevistador que mais do que estar com um gravador, está disposto a ser um expectador “sou todo ouvidos” (como diz o ditado popular) dos silenciados da história (FRANÇOIS, 2006). Trata-se de uma versão do passado e uma “reconstrução” daquilo que as pessoas viveram, privilegiando suas visões de mundo e suas atuações (diretas ou indiretas) sobre momentos passados e vividos anteriormente.

#### 4 - NOVAS E VELHAS PRÁTICAS COTIDIANAS DOS MORADORES DO QUARTEL DO QUARENTA.

O bairro é um espaço onde relacionamentos entre agentes distintos e com trocas e favores específicos, ocorrem através de grupos pertencentes a um determinado espaço complexo e globalizado, com componentes de diferentes origens, trajetórias sociais, crenças, credos, valores e anseios. Nas palavras de Gilberto Velho (1999), antropólogo, os bairros são verdadeiros “mundos sociais” com

“[...] particularidades, densidade própria e fronteiras. Eles são dinâmicos, estando em permanente processo de mudança e interagindo uns com os outros. Indivíduos concretos participam desses mundos, com maior ou menos grau de adesão, desempenhando papéis e vivendo situações sócias específicas. No decorrer de suas vidas, passam por transformações não só ao longo de suas trajetórias, mas em função de sua participação diferenciada em planos e dimensões contemporâneos, gerando o fenômeno da metamorfose social...” (VELHO, 1999, p.22).



Por serem metrópoles ‘multifacetadas’ os bairros se apresentam com toda a sorte de dinamismos e atividades. Ir à feira fazer as compras da casa, os eventos religiosos em igrejas e centros, quadrilhas e grupos de dança que se formam entre os moradores e até mesmo o simples ato de emprestar uma xícara de açúcar ao vizinho da esquina representa o espaço como fomentador de relacionamentos bastante distintos entre os indivíduos que são compostos por fortes laços afetivos. Buscamos assim identificar as novas práticas que vão se constituindo no bairro através de novas formas de comprar, preparar e produzir alimentos (re) significando discursos sobre seus corpos, famílias e vizinhos. Como uma prática simples como ir à bodega comprar a “mistura”<sup>13</sup> que faltava na semana fazia parte do cotidiano daqueles que moravam no bairro. Nestes espaços eram comprados queijos, ovos, mortadela, salame, dentre outros produtos. S. N nos aponta para a curiosa venda de óleo em copos, não sabendo ao certo se foi sua mãe ou a mãe de algum amigo que fazia tal coisa, mas que era algo recorrente na maioria das bodegas (a de comprar determinados produtos em copos e xícaras). O ‘me dá um copo de óleo seu fulano’ era algo mais comum do que se imagina.

(...) eu não me lembro se mainha comprava óleo nos copos. Eu acho que teve alguma história de copo, de botar no copo, de comprar um copo de óleo. Eu acho que já vi, só não sei se foi na minha casa ou se foi na casa dos meus amigos. (S. N)

Entretanto, com o crescimento do bairro surgem grandes supermercados que substituem as bodegas e os vendedores que passavam de porta em porta<sup>14</sup>.

O trem trazia o progresso e este progresso reaparelhava o bairro que acabava por modificar costumes. A chegada da televisão, por exemplo, foi um grande acontecimento. Assistir TV substituía a saída com os amigos e as conversas nas calçadas. Era uma verdadeira festa se reunir em frente ao aparelho para assistir ao jornal ou à novela das oito. Quem não tinha condições de comprar o aparelho (bastante caro na época) se contentava em acompanhar sua trama favorita da janela do vizinho, como nos mostra uma de nossas entrevistadas em depoimento a seguir:

---

<sup>13</sup> A palavra “mistura” como simbologia da alimentação remonta aos tempos da escravidão. Os escravos nas senzalas tinham acesso ao arroz, feijão e farinha, mas a proteína (a carne, por exemplo) era cara e dada em pequenas quantidades, muitas vezes dividida pela maioria, não sendo encarada como elemento principal, mas um complemento misturado ao arroz e feijão. Fonte: Guia dos Curiosos- UOI.

<sup>14</sup> Os chamados “Prestonistas”, tipo de vendedores que saem de porta em porta vendendo toda a sorte de badulaques e bugiangas.



Comecei assim (*na casa do vizinho*), aí depois... Ah, era aquela festa, a hora da novela das sete né? Todo mundo queria assistir. Aí quem tinha, quem não tinha em casa corria pra casa do vizinho que tinha. Era menino sentado pelo chão, era gente em pé, era na janela, botava até ‘tamboretinho’, banco, cadeira pra subir, pra assistir através da janela é, mas acompanhava a programação. Aí lá em casa mesmo de papai eu lembro que a primeira televisão que entrou oh meu Deus, uma TV velha tão antiga (M. L. S. S).

É de nosso interesse problematizar as memórias dos entrevistados sobre as histórias vividas no bairro e a importância que a Estação Ferroviária desempenhou ali graças à extensiva variedade de atividades que se desenvolveram ao mesmo tempo naquele espaço. A Estação servia de lugar de encontros e despedidas, riso e lágrima, comércio e diversão. Sobre o ontem e hoje nos inquieta a fala de Dona M. L acerca do descaso das autoridades locais para com a estação, com um misto de revolta e tristeza que nos toca profundamente:

(...) hoje a gente olha aquilo ali eu não vejo mais a vila ali (...). Acabou e depois que venderam aquele terreno, aí construíram ruas assim, acabou tirou. A estação dá pena a gente vê hoje aquilo ali tão abandonado né, tão maltratado que eu digo: pensar como foi aquilo ali... (M. L. S. S)

Imaginemos o quão difícil é para aqueles que tiveram a estação como uma parte integrante de suas vidas e hoje vê-la totalmente abandonada, sendo constantemente danificada e estando à mercê das drogas e da violência constante, já que o referido espaço acabou virando lugar para a transgressão. Antes na estação se fomentava uma extensiva troca de “favores”, entres os trabalhadores e os moradores do bairro, pois o que era transportado nos vagões dos trens (milho, trigo, açúcar, caroços de algodão, farinha e outros mantimentos) podia ser entregue aos moradores quando algumas destas sacas, que eram levadas de uma cidade à outra, por exemplo, se estourassem ou se espatifassem no meio do caminho. Em troca alguns filhos de moradores eram imbuídos a irem comprar lanches, levarem água e café para os trabalhadores da linha e assim, atenuar as longas horas de trabalho daquele pessoal.

As crianças viviam livres, soltas, correndo para cima e pra baixo. Não havia tanta preocupação com a violência, pois se ficava até altas horas no meio da rua e conversando nas calçadas. Entretanto, notamos que era um tempo de provações para alguns. Tinha-se dificuldade para comprar brinquedos e até mesmo objetos e eletrodomésticos para a casa. Uma das opções era construir o próprio brinquedo utilizando restos de madeira e ferros velhos de oficinas que viravam balanços e gangorras. As crianças também brincavam nos trilhos de



trem, uma prática bastante perigosa, além de jogarem futebol, barra bandeira e amarelinha.

A boa convivência dava o tom para as relações. Todos se conheciam e era como se aqueles moradores participassem de uma grande família. Os vizinhos se ajudavam mutuamente e havia uma preocupação maior para com o outro. Estar junto era o mais importante. Estar junto para sair, rir, chorar, brincar, amar... Esperar o trem passar. Ser ferroviário é ser pertencente a uma classe muito unida, como foi dito e redito tantas vezes em nossos encontros com os moradores.

Até mesmo hoje se percebe que este laço permanece, pois quando algum ex-ferroviário fica doente, os outros saem avisando, ligando para os demais e visitando<sup>15</sup>. Esta união também é percebida nas crianças, onde todas se reuniam para brincar, formando grandes rodas de cirandas que “fechavam” a rua, ao passo que os jovens se divertiam no “mela mela” dos Carnavais em que saiam atirando pó, água, tinta e farinha nos demais, cantando marchinhas e divertindo-se sem hora para acabar. Também merece atenção os “assustados”, festa que ocorria na casa de alguma pessoa e onde cada convidado levava um tipo de comida, um disco e bebidas (cachaça, caipirinha, batida, cerveja e a curiosa calcinha de náilon<sup>16</sup>) para “fazer” a festa. As festas religiosas também tinham espaço na comunidade, onde as conhecidas novenas<sup>17</sup> eram realizadas em todas as residências, além das celebrações do mês de maio em que era preparado um altar para Nossa Senhora<sup>18</sup>. Era como se as pessoas fossem mais religiosas na época.

Uma questão bastante citada (inclusive, como principal problema) pela maioria dos entrevistados foi o consumo de bebida, já que o alcoolismo era uma constante entre os ferroviários. Era quase que uma sina<sup>19</sup> a de que todo ferroviário bebesse. Não se sabe ao certo o porquê, mas ao encherem a cara, provocavam brigas, discussões e verdadeiros escândalos comentados por dias a fio entre os vizinhos. Muitas vezes as próprias esposas e seus filhos saíam em busca dos embriagados em bares e os encontrava jogados “na sarjeta”, o que

---

<sup>15</sup> Na própria semana da entrevista, a entrevistada relata a morte de um vizinho e da preocupação dos demais para com o fato, em querer saber sobre o ocorrido, participar do velório, etc.

<sup>16</sup> Tipo de bebida. Não foi possível identificar o porquê desse nome.

<sup>17</sup> Tradição Católica em que um grupo de pessoas se reúne para fazer orações por um período de nove dias. É bastante comum entre os católicos realizar tal prática.

<sup>18</sup> O Catolicismo era a religião mais praticada na Comunidade. Entretanto, temos a presença de protestantes, espíritas e praticantes do Candomblé.

<sup>19</sup> Em alguns relatos isto é afirmado claramente: sina, como uma maldição.





aumentava o falatório. Quando não era o pai de um, era o pai de outro que fazia isto. Interessante que a partir do momento que um deixou de beber, os outros seguiram o mesmo caminho. O homem que não participasse da farra era visto como um estranho, “nem homem era”, nas palavras de alguns, já que o sinônimo de ferroviário era o mesmo que beber.

Foi possível perceber a importância da Estação Ferroviária no cotidiano dos moradores do bairro do Quartel do Quarenta. Assim, utilizamos este mote como elemento norteador para definir nossas entrevistas, ao mesmo tempo em que atentávamos para questões do cotidiano, marcado pelo relógio da estação que tocava a cada hora do dia e, especialmente, nas horas de chegada e partida dos trens e que ditava o dia a dia dos moradores. As vidas destes indivíduos foram entrelaçadas pelos trilhos da ferrovia que fomentou o desenvolvimento do bairro e criou laços afetivos durante os anos de trabalho e convivência e que permanecem até hoje.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante entender como a memória destes indivíduos está relacionada com as modificações que o trem lhes proporcionou, visto da proximidade do bairro com a estação. O bairro tornou-se um espaço de confluência de práticas e costumes já que na região aconteciam inúmeras atividades sociais, comerciais e políticas em que mundos complexos se tocavam, se fundiam e se cruzavam desempenhando determinados papéis sociais e bastante distintos no bairro e no seu entorno.

Vimos que novas formas de viver e conviver no espaço urbano do Bairro do Quartel do Quarenta se materializavam no dia a dia dos moradores, que com olhares e impressões de códigos comportamentais acabaram fazerem-nos protagonistas de uma história por vezes esquecida. São homens e mulheres, que nos revelaram mudanças em seus signos cotidianos graças à multiplicidade de faces conquistadas após o desenvolvimento do bairro e de Campina Grande. Ao mesmo tempo em que observamos como foi construído um imaginário coletivo destes indivíduos a partir de uma série de inovações tecnológicas que se descortinavam nas ruas de Campina e repercutiam no bairro. Buscamos assim lembranças individuais e coletivas, que trazem à tona histórias que ora emocionam, ora divertem, bem como uma nova perspectiva sobre as práticas cotidianas trazendo à tona outros sentidos, outros significados, (re) criando ou (re) interpretando o passado vivo na memória daqueles que o viveram.



Sentimentos que chegavam e partiam, no até logo de gentes, no vai e vem de pessoas, no apito que acordava para mais um dia. Nas linhas partidas (e de partidas), a Rede Ferroviária com todo seu emaranhado de ferros, envolvia, unia, surgia, urgia, mas também sentia, feria, entristecia. No acontecer fundado e fundido por Certeau, as práticas chegavam e partiam como na canção de Maria Rita. O trem não mais veio. E assim, a vida seguia. E o trem que antes trazia não mais chegou. Antes era verdade, hoje só saudade.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral**: experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1990.

\_\_\_\_\_, **Manual de História Oral**. 2ª Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, coord. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Borges, Maria Elisa Linhares. **Historia & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BOSI, Ecléa. **Memoria e sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CABRAL FILHO, Severino. As cidades na fotografia: uma experiência modernizante em Campina Grande – PB (1940-1944). In. **ARIUS Revista de Ciências Humanas e Artes**. v. 13, n. 2, jul./dez., 2007. Disponível em [http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01\\_revistas/v13n2/12\\_arius\\_13\\_2\\_as\\_cidades\\_na\\_fotografi\\_a.pdf](http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v13n2/12_arius_13_2_as_cidades_na_fotografi_a.pdf)> Acesso em 15/05/2016.

CARDOSO. Maria Francisca Thereza C. Campina Grande e sua função como capital Regional. In. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXV. Out-dez. 1963. Nº 04.

CAVALCANTI, Flavio R. **I Centenário das ferrovias brasileiras**. IBGE / CNG, Rio de Janeiro, 1954.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.



\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: 2 morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lucia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. **Açúcar**: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil. São Paulo: Global, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nordeste**. (7ª. ed). São Paulo, Global, 2004.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. João Pessoa: A União Editora, Prefeitura Municipal de Campina Grande / Secretaria da Educação, 2000.

HARTOG, François. A testemunha e historiador. In: **Evidência em História: o que os historiadores vêem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: autêntica 2004.

LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, PP. 29-60 2009.

LIMA, Yure Silva. **A Política Habitacional em Campina Grande – PB (1988-2009)**. Dissertação (Mestrado). 2010. 114f. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual da História oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MELLO, José Octávio de Arruda. Cultura e alimentação na Paraíba – um exercício de nova história. In. **Revista Ciência & Trópico**. Vol. 30, Num 01, Jan/jun. 2002. Disponível em <<http://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/issue/view/69/showToc>> Acesso em 10/04/2016.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. **Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX**. Recife, 1997. Dissertação de Mestrado em História apresentado ao PPGH da UFPE.



OLIVEIRA, Júlio César Melo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX.** João Pessoa - PB. UFPB, 2007. Monografia (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – Campus I.

SCWARCZ, Lilia Moritz. Prefácio. In. SILVA, Paula Pinto. **Farinha, Feijão e carne-seca.** Um tripé culinário no Brasil Colonial. São Paulo: editora Senac. 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento** – Trad: Alain François [et al] - Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão.** 2003. 397 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença**– A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: vozes: 2000.

SÔNIGO, Márcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica.** *Historiae*, Rio Grande, v.1, n.2, p. 113-120, 2010. Disponível em:

<<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2366/1248>> Acesso em: 25/02/2017.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Arbor, 1995.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de. FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da mídia regional: O rádio em Campina Grande.** Campina Grande: EDUFCG/EDUEPB, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto (org). **Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1999.